



“AS INJUSTIÇAS PASSARAM A GRITAR DENTRO DE MIM”: PRÁTICAS DE CONSUMO DO FACEBOOK POR MÃES DE VÍTIMAS DA BOATE KISS ÀS VÉSPERAS DAS ELEIÇÕES 2018

"THE INJUSTICES BEGAN TO SCREAM INSIDE ME": FACEBOOK CONSUMPTION PRACTICES BY MOTHERS OF VICTIMS OF KISS NIGHTCLUBE ON THE EVE OF THE 2018 ELECTIONS

Alice Bianchini Pavanello ¹

RESUMO

Argumentamos que a internet pode assumir significados diferentes dependendo do contexto no qual ela é consumida. Assim o objetivo deste artigo é compreender de que forma o consumo do Facebook por mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss se modificou durante a campanha eleitoral brasileira, que foi marcada por uma grande polarização político-partidária e opiniões amplamente expressadas nas redes sociais. Desde 2013, um grupo de mães se apropria da plataforma para lutar por justiça e memória na morte dos filhos. Como metodologia, empregou-se uma abordagem etnográfica para internet, e entre as conclusões observa-se que depois da morte dos filhos, o consumo do Facebook assumiu um significado de resistência para essas mães que passaram a perceber a importância de lutar pelos valores que acreditam. Este artigo é um recorte da dissertação de Mestrado, defendida em março de 2019, elaborada pela autora.

Palavras-chave: Boate Kiss; eleições 2018; Facebook; práticas de consumo.

ABSTRACT

We argue that the internet can take on different meanings depending on the context in which it is consumed. Thus the objective of this article is to understand how Facebook's consumption by mothers of victims of the Kiss Nightclub fire changed during the Brazilian electoral campaign that was marked by a great political-party polarization and opinions widely expressed in social networks. Since 2013, a group of mothers appropriates the platform to fight for justice and memory in the death of their son. An ethnographic approach to the Internet was used, and among the conclusions it is observed that after the death of the children, the consumption of Facebook assumed a meaning of resistance for these mothers who came to realize the importance of fighting for values who believe. This article is a cut of the dissertation of Master, defended in March of 2019, elaborated by the author.

Keywords: consumer practices; elections 2018; Facebook; Kiss Nightclub.

¹ Jornalista, Professora Substituta de Jornalismo na UFSM, campus Frederico Westphalen. Mestra em Comunicação Midiática (UFSM). Especialista em Televisão e Convergência Digital (Unisinos). Integrante do GP Consumo e Culturas Digitais (POSCOM-UFSM). alicebpavanello@gmail.com.



INTRODUÇÃO

Para quatro mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss o Facebook é, desde 2013, uma importante ferramenta para que elas possam manifestar suas percepções de justiça e lutar pela memória da tragédia, que matou 242 jovens durante uma festa em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Em 2018, as eleições para presidente e governador também passaram a fazer parte dos assuntos das publicações dessas mães.

Durante a disputa do segundo turno, como candidatos à presidência estavam Fernando Haddad (PT) político filiado ao partido que virou símbolo de corrupção no país, após escândalos envolvendo desvios de dinheiro público e Jair Bolsonaro (PSL) político com 27 anos de carreira pública no Rio de Janeiro, sem aprovação de projetos em benefício social e com opiniões preconceituosas a respeito de minorias como mulheres, pessoas de classe popular, negros e comunidade LGBT. Para o cargo de governador concorreram Eduardo Leite (PSDB) político com 27 anos de idade, que foi prefeito de Pelotas, uma das maiores cidade do Estado e o candidato a reeleição José Ivo Sartori (PMDB) que nos quatro anos à frente do governo estadual, parcelou o salário dos funcionários públicos, extinguiu fundações e colocou no cargo de Secretário de Segurança Pública, Cezar Schirmer, prefeito de Santa Maria em janeiro de 2013, quando a Boate Kiss incendiou.

Parte-se da ideia de que as mães se tornaram sujeitos políticos no momento em que transformaram a morte dos filhos em bandeira de luta por justiça e mudança social. Para essa luta, elas se mobilizam por meio da participação em entidades representativas das vítimas da tragédia e pelas redes sociais online, sendo esta última o foco de análise do presente artigo. Portanto ampara-se este trabalho nas teorias de consumo sociocultural discutidas por Miller², Miller et al³, Barbosa e Campbell⁴ e Castro⁵ para se compreender de

² MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007.

³ MILLER, Daniel; COSTA, Elisabetta; HAYNES, Nell; MCDONALD, Tom; NICOLESCU, Razvan; SINANAN, Jolynna; SPYER, Juliano; VENKATRAMAN, Shriram. *How the World Changed Social Media*. London: UCL Press, 2016. SPYER, Juliano. *Mídias sociais no Brasil emergente*. Londres: UCL Press, 2018. HINE, Christine. *Ethography for the internet: Embedded, Embodied and Everyday*. London: Bloomsbury, 2015

⁴ BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: _____ (Org.). *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p. 21-44.



que forma essa nova subjetividade, em que elas construíram um lugar legitimado para falar sobre sofrimento e justiça, afetou o consumo do Facebook por essas mães em um contexto político em que as redes sociais foram utilizadas por brasileiros para expor opiniões fortemente polarizadas.

Para este artigo será utilizada uma abordagem etnográfica para internet⁶ que inclui a observação e a captura de publicações feitas pelas mães em seus perfis no Facebook, conversas informais na Tenda da Vigília⁷ e entrevistas gravadas e por meio dos aplicativos de conversa Messenger e WhatsApp. Para a análise foram selecionadas quatro mães, Ligiane Righi, Vanda Dacorso, Maria Aparecida Neves e Áurea Flores⁸ e coletadas as publicações feitas por elas entre os dias 21 e 27 de outubro de 2018, uma semana antes da votação para o segundo turno das eleições. O trabalho está dividido em três partes, além das considerações finais. Na primeira, será apresentado o cenário político nacional e municipal em que se deu a tragédia da Boate Kiss, bem como a atual conjuntura social. Na segunda parte, será abordada a transformação das mães em sujeitos políticos e seu engajamento com as entidades representativas das vítimas e o consumo do Facebook e, por fim, será feita a análise das publicações das mães no Facebook.

Da tragédia às eleições: o contexto das mobilizações

A tragédia da Boate Kiss aconteceu na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, em Santa Maria, cidade com cerca de 280 mil habitantes, localizada no interior do Rio Grande do Sul. A casa noturna, onde acontecia uma festa organizada por estudantes universitários, pegou fogo depois que um dos integrantes da banda que estava no palco acendeu um artefato pirotécnico. As chamas atingiram o forro da estrutura e se alastraram rapidamente matando 242 pessoas, a maioria intoxicada com a fumaça. A investigação da Polícia Civil revelou uma série de irregularidades no funcionamento da Boate, desde os

⁵ CASTRO, G. G. S. Comunicação e consumo nas dinâmicas culturais do mundo globalizado. **PragMATIZES: Revista Latino Americana de Estudos em Cultura**, Rio de Janeiro, a. 4, n. 6, p. 58-71, mar. 2014.

⁶ HINE, Christine. **Ethography for the internet: Emedded, Embodied and Everiday**. London: Bloomsbury, 2015. HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Barcelona: UOC, 2004.

⁷ Espaço montado no centro de Santa Maria onde as mães se reúnem, todas as quartas-feiras e dias 27, como forma de chamar a atenção para a tragédia da Boate Kiss.

⁸ São utilizados os nomes verdadeiros das mães, por se tratarem de figuras conhecidas na cidade e terem concordado com a pesquisa e a divulgação da mesma.



processos de liberação de alvarás até as ações de fiscalização pela Prefeitura, Bombeiros e Ministério Público. No inquérito foram indiciadas 18 pessoas, entre elas secretários, funcionários e fiscais da prefeitura de Santa Maria, bombeiros que trabalharam no resgate das vítimas e na fiscalização da boate, além do comandante do Corpo de Bombeiros e do prefeito Cezar Schirmer⁹. Porém apenas quatro pessoas, os dois sócios da Boate Kiss e dois integrantes da banda, foram denunciadas pelo Ministério Público por homicídio doloso e aguardam em liberdade o julgamento.

Uma das consequências desse processo foi a perda da confiança na atuação dos órgãos públicos que, para as mães e pais das vítimas, não estavam cumprindo seu papel de proteger os cidadãos. O descrédito nas instituições públicas foi o mote de mobilizações em todo o Brasil em 2013¹⁰. Naquele ano, protestos tomaram conta do país tendo início, em São Paulo, com o Movimento Passe Livre, que lutava contra o aumento do preço da passagem de ônibus. Em uma segunda fase, as manifestações foram apropriadas por grupos que apresentavam suas próprias demandas, como destacam Fontenelle e Pozzebon¹¹.

Na onda dos protestos, em Santa Maria foi realizada uma caminhada com cerca de 30 mil pessoas, da qual participaram os familiares de vítimas da tragédia da Boate Kiss¹². A atuação pública dos familiares seguiu naquele ano. Havia sido criada na Câmara de Vereadores uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar o envolvimento de agentes públicos no incêndio da casa noturna. Os familiares acompanharam todos os depoimentos realizados durante a CPI da Kiss e, revoltados com o andamento da investigação, ocuparam a Câmara de Vereadores¹³ juntamente com outros movimentos sociais. Em conversa com Ligiane Righi da Silva na Tenda da Vigília, em 2018, ela disse acreditar que a participação das mães na ocupação foi fundamental para o sucesso da ação e também para que a sociedade respeitasse a mobilização.

⁹ ARBEX, Daniela. **Todo dia a mesma noite**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. p. 194-208.

¹⁰ FONTENELLE, Isleide; POZZEBON, Marlei. A dialectical reflection on the emergence of the 'citizen as consumer' as neoliberal citizenship: The 2013 Brazilian protests. **Journal of Consumer Culture**. 2018. p. 4.

¹¹ FONTENELLE, Isleide; POZZEBON, Marlei. A dialectical reflection on the emergence of the 'citizen as consumer' as neoliberal citizenship: The 2013 Brazilian protests. **Journal of Consumer Culture**. 2018. p. 12, tradução nossa.

¹² Disponível em: < <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/06/protesto-reune-cerca-de-30-mil-manifestantes-em-santa-maria-rs.html>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

¹³ PEIXOTO, Priscila. **"Acorda Santa Maria"**: um estudo sobre as estratégias coletivas de organização dos familiares das vítimas da Boate Kiss. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.



Fontenelle e Pozzebon afirmam que em 2014, uma sensação de decepção e desamparo tomou conta do país, uma vez que, diferente do que se esperava, a desigualdade social não diminuiu após as manifestações. “O País adentrou em uma das piores crises da história.”¹⁴. Foi o desenrolar dessa conjuntura política, econômica e social que constituiu o cenário brasileiro no qual se deram as campanhas eleitorais de 2018. No segundo turno, para a presidência, concorreram Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL). Para o governo do Estado a disputa se deu entre José Ivo Sartori (PMDB) e Eduardo Leite (PSDB). Durante o período eleitoral, as redes sociais foram consumidas para a realização de campanhas a favor e contra os candidatos. Eleitores de todo o país utilizaram seus perfis para expressar suas opiniões e posicionamentos políticos e ideológicos. Contra o candidato à presidência, Jair Bolsonaro surgiu nas redes sociais o movimento #EleNão que foi reificado nas ruas¹⁵. Ligiane e Áurea participaram da manifestação em Santa Maria. As quatro mães também se manifestaram no Facebook e suas práticas serão abordadas no próximo tópico deste artigo.

Consumo do Facebook por mães que lutam

A imagem de mãe é, em geral, nas sociedades ocidentais, construída como aquela que se sacrifica pelos filhos e que a eles tem amor incondicional, afirma Badinter¹⁶. As mães são tidas, ainda hoje, como representantes maiores do amor pelos filhos. Segundo Freitas, essa imagem coletiva das mães colabora com o surgimento de um sentimento de solidariedade diante de situações de violência contra seus filhos. Ao se referir às Mães de Acari¹⁷, a autora afirma que é a partir da imagem de mãe sofredora que algumas mulheres conseguem construir a imagem de guerreiras. “Essa “outra” imagem é a da mãe que luta,

¹⁴ PINHEIRO-MACHADO, Rosana, SCALCO, Lúcia. **Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo**. 2018.

¹⁵ RIZZOTTO, Carla, SARAIVA, Alécia, NASCIMENTO, Louize. **#ELENÃO: conversação política em rede e trama discursiva do movimento contra Bolsonaro no Twitter**. XXVIII Encontro Anual da Compós. Porto Alegre, 2019.

¹⁶ BADINTER, Elisabeth. **Amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p.202

¹⁷ As Mães de Acari ficaram conhecidas na década de 90, quando se uniram para reivindicar justiça no desaparecimento de seus filhos em uma favela do Rio de Janeiro.



a mãe corajosa que enfrenta a polícia e a sociedade para saber onde estão e o que aconteceu com seus filhos.”¹⁸.

Brites e Fonseca citam também outros exemplos brasileiros de mães que transformaram a morte violenta dos filhos em bandeira de luta. As autoras citam as mães da Chacina da Candelária e da Chacina de Vigário Geral¹⁹, que se uniram a outras mulheres “clamando por “justiça” no sentido de identificar e julgar os assassinos”²⁰. As autoras destacam que inicialmente a motivação das mães era buscar justiça no caso dos próprios filhos, mas que esse propósito se ampliou para uma vontade de modificar um contexto de violências diversas que afetava a sociedade, em especial, os moradores das periferias.

As mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss construíram e legitimaram a imagem de lutadoras tanto pela relação com as vítimas, de vínculo consanguíneo, quanto pela exposição delas na mídia, por meio de inúmeras reportagens em veículos tradicionais. Peixoto em pesquisa sobre a formação de redes de apoio e de representação das vítimas da Boate Kiss, percebeu existir uma “hierarquia da dor” que posicionava os familiares de vítimas em uma espécie de pirâmide relacionada diretamente ao tipo de parentesco com as vítimas²¹. O topo da pirâmide seria ocupado pelas mães dos falecidos, sendo elas as mais legitimadas para sofrer pela morte deles e, por isso, mais indicadas para assumir posições de liderança dentro de associações e movimentos que falariam em nome dos interesses dos familiares de vítimas. A posição ocupada pelas mães na escala do sofrimento é percebida na cobertura da tragédia feita pela imprensa local e internacional. Algumas mães que se propunham a dar depoimentos à mídia, os faziam com teor emotivo e coerente, elementos valorizados nas reportagens de casos trágicos, como destacado por Oliveira em trabalho sobre os testemunhos na cobertura ao vivo da tragédia²².

^{18 18} FREITAS, Rita de Cássia. Famílias e violência: reflexões sobre as Mães de Acari. *Psicologia*. USP. v. 13, n. 2. Jul. 2002, p.98.

¹⁹ Ambas chacinas aconteceram em 1993, no Rio de Janeiro. Nos três casos citados, ficou um sentimento para os familiares de que a justiça nunca foi feita (BRITES; FONSECA, 2013).

²⁰ BRITES, Jurema; FONSECA, Cláudia. As metamorfoses de um movimento social: mães de vítimas da violência no Brasil. *Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*. ICS. v. 48, n. 209 - out./ nov./ dez. 2013. p. 861.

²¹ PEIXOTO, Priscila. “Acorda Santa Maria”: um estudo sobre as estratégias coletivas de organização dos familiares das vítimas da Boate Kiss. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. p.92.

²² OLIVEIRA, Juliana. Os testemunhos na cobertura ao vivo do incêndio da Boate Kiss. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016. p.110.



Algumas mães permaneceram na mídia, participando de reportagens jornalísticas não só para falar sobre a saudade dos filhos, mas também do envolvimento em entidades representativas dos familiares de vítimas, da participação em manifestações e protestos por justiça, além de ações beneficentes. Vianna e Faria²³ afirmam que ao levarem para as ruas suas dores, essas mães passaram a falar em nome de uma ordem doméstica desfeita. Elas tomaram a maternidade como ponto de partida para reivindicar justiça e mudança na legislação de prevenção a incêndios. Elas passaram a desempenhar um papel político, que foi além das atribuições privadas de mãe, para que dessem um rosto e criassem uma identidade para o grupo de mulheres que fala em nome das vítimas nos ambientes públicos tanto físicos como virtuais. Como o espaço destinado ao tema na mídia tradicional reduz com o passar dos anos, mães de vítimas encontram no consumo do Facebook uma forma de seguir falando da tragédia.

A partir da perspectiva sociocultural do consumo, Miller²⁴ sugere para que ele seja visto como algo para compreender a sociedade e suas transformações. Miller et al²⁵ reforçam a ideia, ao afirmarem que os usos das redes sociais variam de acordo com os contextos nos quais elas são consumidas e, portanto, é preciso conhecer a fundo esses contextos, para entender as práticas online. Ao se tomar o Facebook como passível de ser consumido, Barbosa e Campbell defendem que estamos atribuindo a ele a importância de ser “um mecanismo de reprodução social do mundo contemporâneo”²⁶. Assim tomamos o Facebook como um espaço de ação social, e que é preciso considerar, entre outros aspectos, como afirma Castro “a própria experiência do consumo com toda a riqueza simbólica que configura cada qual como sendo única.”²⁷.

Ao fazer do Facebook um campo de ação, as mães assumiram um papel de luta contra a invisibilidade das consequências da tragédia da Boate Kiss que pode ser causada pela naturalização da ideia de que não existe justiça no Brasil para os cidadãos comuns.

²³ VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional. *Cadernos Pagu*. Unicamp. n.37. jul./dez. 2011. p.79-116.

²⁴ MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007.

²⁵ MILLER, Daniel; COSTA, Elisabetta; HAYNES, Nell; MCDONALD, Tom; NICOLESCU, Razvan; SINANAN, Jolynna; SPYER, Juliano; VENKATRAMAN, Shriram. *How the World Changed Social Media*. London: UCL Press, 2016.

²⁶ BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: _____ (Org.). *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p. 24.

²⁷ CASTRO, G. G. S. Comunicação e consumo nas dinâmicas culturais do mundo globalizado. *PragMATIZES: Revista Latino Americana de Estudos em Cultura*, Rio de Janeiro, 2014. p.64.



Para Spyer²⁸ compreender as formas de invisibilidade social é crucial para que se possa entender as práticas de consumo online de cada grupo.

Miller ao introduzir a pesquisa de Spyer afirma que entre os motivos que levam pessoas com restrições financeiras e de educação formal a se esforçarem para conquistar uma inclusão digital não é o fato de estarem iludidas com a publicidade dos produtos eletrônicos, mas sim porque elas percebem as mídias sociais como “uma ferramenta que pode proporcionar educação, contato contínuo dentro de redes de cooperação e também novas oportunidades para elas conseguirem o que buscam.”²⁹

Quanto às práticas online observadas por Spyer, ele destaca o uso de imagens, especialmente por aqueles com menor nível de educação formal. Ao compartilhar vídeos e memes, por exemplo, as pessoas têm a possibilidade de expressar sua opinião e comentar sobre determinado acontecimento. Além disso, ao se posicionar nas redes sociais é como se a pessoa tivesse tomando partido de uma situação e explicitando suas convicções e crenças, “assim como postar algo nas mídias sociais, participar de um evento público indica que a pessoa está tomando lados.”³⁰

A linha do tempo do Facebook é, de forma geral, compreendida como lugar em que se pode alcançar um maior número de pessoas com uma publicação. Miller³¹ constatou em pesquisa com mulheres com doenças terminais que elas utilizavam o Facebook para compartilhar experiências íntimas como uma forma de transformar uma experiência negativa em relatos que poderiam dar esperança para outras pessoas, além de poderem contar sobre seu quadro de saúde para várias pessoas de uma só vez. Entretanto Spyer alerta que a *timeline* do Facebook também pode ser o “lugar ideal para “se esconder em plena luz do dia””³². Ele se refere a publicações criptografadas e indiretas. As mensagens criptografadas tentam evitar o confronto e servem para restringir o número de pessoas que entendem o sentido da mesma. “Essa forma de comunicação pode ser comparada, por exemplo, ao uso de eufemismo, metáfora, e ironia, que contam fortemente com um contexto para que sejam compreendidas.”³³. Enquanto as publicações indiretas têm como

²⁸ SPYER, Juliano. **Mídias sociais no Brasil emergente**. Londres: UCL Press, 2018.

²⁹ MILLER, Daniel. Prefácio. SPYER, Juliano. **Mídias sociais no Brasil emergente**. Londres: UCL Press, 2018. p.12, destaque nosso.

³⁰ SPYER, Juliano. **Mídias sociais no Brasil emergente**. Londres: UCL Press, 2018. p.234.

³¹ MILLER, Daniel. **The comfort of people**. Cambridge: Polity Press, 2017.

³² SPYER, Juliano. **Mídias sociais no Brasil emergente**. Londres: UCL Press, 2018. p.77.

³³ SPYER, Juliano. **Mídias sociais no Brasil emergente**. Londres: UCL Press, 2018. p.77-78.



objetivo expor situações de tensão. Essa pode ser ecoada por outras pessoas que compartilham o mesmo sentimento, mas dificilmente será confrontada, uma vez que isso iria significar que “a carapuça serviu”.

Embora não seja o objetivo deste artigo discutir a relação entre a influência dos algoritmos e o que é visualizado por cada usuário no Facebook, cabe uma breve contextualização sobre a lógica de funcionamento das redes sociais. Lanier alerta para as ameaças à democracia quando o universo da comunicação é dominado pelo que ele chama de Bummer, traduzido como Comportamentos de Usuários Modificados e Transformados em um Império para Alugar. Ele se refere à agência das plataformas de redes sociais que são operadas pelas corporações mais ricas da história, “cuja única forma de ganhar dinheiro é manipulando o seu [do usuário] comportamento.” afirma Lanier³⁴. Silveira³⁵ explica que o modo de funcionamento desses algoritmos é omitido da população por meio da circulação de discursos em que se cria uma necessidade de transparência no que é feito pelos usuários e de opacidade do que é feito por empresas e o Estado.

As práticas de consumo do Facebook pelos usuários colaboram com o funcionamento do algoritmo. Um comportamento adotado durante o período eleitoral foi o de excluir os amigos que divergiam na forma de pensar do usuário, o que contribuiu para a formação de bolha ideológicas, alimentando um sistema explicado por Pariser³⁶ como um regime de bolhas de filtros que fazem com que os usuários enxerguem prioritariamente as publicações de pessoas que compartilham das mesmas opiniões, dando a impressão de não haver divergências de pensamento e dificultando a avaliação quanto a veracidade da informação.

Durante o período eleitoral, as temáticas políticas tomaram as redes sociais. Pessoas com diferentes posicionamentos manifestaram suas opiniões sobre os candidatos à presidência e ao governo do Estado. No Facebook, as quatro mães publicaram sistematicamente conteúdos relacionados à política. Algumas dessas publicações discutidas na próxima seção deste trabalho.

³⁴ LANIER, Jaron. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. p.11.

³⁵ SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Tudo sobre tod@as: redes digitais, privacidade e venda de dados pessoais**. Editora Sesc: São Paulo, 2018.

³⁶ PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.



Análise das publicações das mães no Facebook

Neste artigo, aplica-se como metodologia de pesquisa uma abordagem etnográfica para internet, baseada nos preceitos de Hine³⁷, que possibilita uma compreensão sobre as mudanças na vida individual e comunitária, partindo de uma visão multifacetada que foca em como a vida é vivida em aspectos familiares, culturais, de gênero entre outros observando a contextualização, a incorporação das tecnologias e as adaptações feitas por diferentes pessoas e grupos. Como *corpus* foram capturadas³⁸ as publicações feitas pelas mães em seus perfis pessoais entre os dias 21 e 27 de outubro de 2018.

Ligiane Righi da Silva, 49, perdeu a filha Andrielle com 22 anos. A doceira é integrante da AVTSM, do Movimento do Luto à Luta, do Movimento Mães de Janeiro e fez parte da ONG Para Sempre Cinderelas. É considerada pelas demais a “chefe da Tenda da Vigília”, pois participa todas as semanas, durante todo o dia. Antes da tragédia, integrava ações da paróquia do bairro onde mora. No Facebook, tem mais de dois mil amigos e faz publicações diárias falando sobre a filha e a tragédia. Suas fotos de perfil e textos de apresentação fazem referência direta à tragédia. No período deste artigo, Ligiane fez 21 publicações no Facebook a maioria relacionada com a tragédia e Andrielle. Duas postagens foram sobre política uma a respeito de cada instância governamental na disputa.

Maria Aparecida Neves (Cida), 60, perdeu o filho Augusto Cezar, aos 19. A diarista aposentada faz parte da AVTSM, do Movimento do Luto à Luta e das Mães de Janeiro e costuma ir às vigílias na Tenda. Evangélica participava das ações promovidas pela igreja, mas, antes da tragédia, criticava o comportamento de quem protestava “achava ridículo aquelas pessoas gritando no meio da rua” (CIDA, ENTREVISTA, 2018). Em seu perfil no Facebook, Cida mostra envolvimento com a tragédia pela utilização de tarjar temáticas e fotos do filho. Tem pouco mais de 400 amigos na rede e na semana destacada para esta pesquisa, fez 72 publicações, doze delas sobre política enfatizando principalmente a relação do candidato à reeleição ao governo do Estado com o ex-prefeito de Santa Maria. Quando se refere a tragédia da Boate Kiss, ela enfatiza a falta de justiça e a necessidade da manutenção da luta dos familiares.

³⁷ HINE, Christine. **Ethography for the internet: Embedded, Embodied and Everyday**. London: Bloomsbury, 2015.

³⁸ As imagens foram capturadas com o auxílio da ferramenta Nimbus Screenshot, extensão do Google Chrome para essa finalidade.



Vanda Dacorso, 56, perdeu Vitória com 22 anos. A dona de casa faz parte da AVTSM, do Movimento do Luto à Luta e das Mães de Janeiro, além de ter integrado a ONG Para Sempre Cinderelas e frequenta a Tenda da Vigília. Sempre se envolveu em protesto por recursos para a escola em que estuda a filha com Síndrome de Down. No Facebook, tem cerca de 400 amigos e apesar de exibir como imagem de capa uma foto dela com Vitória, não deixa clara nenhuma ligação com a tragédia. Vanda foi a que mais publicou sobre política no período de coleta de dados para este artigo, 35 de um total de 78 publicações. Na maioria ela se posicionou contrária as ideias de Bolsonaro, compartilhando publicações que enfatizavam os pensamentos preconceituosos e contraditórios do candidato. Também manifestou abertamente seu repúdio ao candidato ao governo do Estado, Sartori e seu apoiador Schirmer.

Áurea Flores, 55, perdeu o filho Luiz Eduardo aos 24 anos. Com cerca de 600 amigos no Facebook, ela utiliza como capa em seu perfil uma foto dela com o marido e os dois filhos, sem referências diretas à tragédia. Ela participa da AVTSM e atuou nas mobilizações promovidas pelo Movimento do Luto à Luta e Mães de Janeiro. Antes da tragédia, participava de ações em defesa da educação nas escolas estaduais que trabalhava. Vai eventualmente a Tenda da Vigília e criou, junto com o marido e a sobrinha, a Rede Dudu Bem que promove campanhas sociais em benefício de pessoas carentes da cidade. Nesses dias recortados para o artigo, Áurea fez cem publicações em seu perfil pessoal, dez delas sobre política, a maioria se posicionando indiretamente, falando sobre as divergências ideológicas dela com o candidato do PSL e não se posicionou no âmbito estadual. O maior número de publicações diz respeito ao cotidiano, notícias e temáticas de amor e solidariedade, como exemplos de projetos sociais, direitos humanos e inclusão. A tragédia da Boate Kiss e a tristeza pela morte do filho são abordados principalmente nos dias 26 e 27 de outubro.

Percebe-se que as mães consomem o Facebook como forma de ampliar o alcance daquilo que elas pensam (MILLER, 2017). Áurea, no dia 26 de outubro, compartilhou uma publicação na qual dois músicos falam sobre suas intenções de voto e escreveu: “(...) Bolsonaro me convenceu a votar no Haddad. Será um voto crítico, mas consciente, porque jamais terei preconceito no meu coração. Não é fácil expor nossas ideias, porque há quem entende e há quem condene (...)” (ÁUREA, FACEBOOK, 2018). Áurea deixa claro, como faz em outras publicações, os motivos que a levaram a tomar tal decisão e demonstra estar



ciente do alcance das redes sociais e dos impactos nas relações de amizade. Segundo ela, depois da morte do filho “as injustiças passaram a gritar dentro de mim. A omissão e o descaso com as pessoas me incomodam muito mais hj.” (ÁUREA, MESSENGER, 2018).

Cida também vê na própria dor uma motivação para demonstrar publicamente uma opinião, o que faz com cautela nas redes sociais. Segundo ela, passou a ter cuidado com o que escreve, depois que quatro familiares de vítimas da Boate Kiss foram processados por promotores públicos por calúnia e difamação. Ela afirma ter medo de ser processada, “mas sempre que eu posso dar uma indireta eu dô” (CIDA, ENTREVISTA, 2018). No período eleitoral, Cida deixou bem claro seu posicionamento quanto a disputa para o cargo de governador. No dia 27 de outubro, ela publicou uma foto em que segura um cartaz onde estava escrito à mão “SCHIRMER E SARTORI NUNCA MAIS”. O cartaz foi utilizado por ela e outros familiares em um protesto contra Cezar Schirmer que estava em Santa Maria naquele dia, em campanha para o candidato Ivo Sartori. Para ela Schirmer representa todo o sofrimento por qual tem passado desde a morte do filho e o descaso com o qual o caso é tratado na justiça.

Vanda também fez questão de explicitar constantemente seu posicionamento contra o candidato do PSL. Ao longo de todo o período, ela publicou memes, frases e figuras com apelo humorístico para expor sua opinião. Segundo ela, compartilhava publicações que a causavam impacto e indignação, “eu penso que quando escrevo, compartilho ou deixo recados via rede social é como se eu estivesse em uma conversa bem informal com meus inúmeros amigos.” (VANDA, MESSENGER, 2018).

Muitas das postagens feitas pelas mães citavam diretamente nomes de políticos, entretanto outras podem ser consideradas indiretas ou criptografadas. Por mais que a intenção não fosse “se esconder em plena luz do dia” (SPYER, 2018), elas queriam atenuar os efeitos das mensagens, uma vez que sabem da pluralidade de opiniões que circula nas redes sociais e das possíveis tensões entre aqueles que pensam diferente. Dependendo da situação e do nível de alfabetismo digital dos usuários, algumas mensagens nem chegassem a ser compreendidas de fato. Em 23 de outubro, Vanda compartilhou uma charge para se referir a um episódio em que Bolsonaro repreende publicamente o filho, que também é político, por aparecer em um vídeo falando sobre a facilidade de uma intervenção militar no Supremo Tribunal Federal. Na charge o candidato à presidência aparece com cara de bravo dizendo “o STF não, menino” e o filho é retratado com uma tocha na mão e um



galão de combustível ao lado respondendo com cara desiludida “pô, pai!”. A publicação só pode ser compreendida por aqueles que estavam a par do contexto e das últimas notícias.

O mesmo cenário também levou Áurea a fazer uma publicação, dia 24 de outubro, em referência à democracia. Sem citar o fato, nem os envolvidos, ela compartilhou uma postagem para incentivar a reflexão sobre as consequências da volta de um regime ditatorial no país e escreve “(...) Para que possamos continuar lutando juntos mas em paz por um Brasil melhor. Usemos toda essa mobilização para fiscalizarmos as ações dos governantes (...)”. Segundo ela, como professora sempre trabalhou a favor dos direitos dos cidadãos e, por isso, sente a obrigação de combater formas de violação dos mesmos.

Em algumas publicações, o atual contexto brasileiro é associado à tragédia da Boate Kiss, uma forma de mostrar que as consequências das escolhas políticas que são feitas pelos cidadãos, impactam diretamente na vida de todos. Dia 26 de outubro, Cida postou uma imagem com uma bandeira do Brasil suja de sangue com dizeres “LUTO CHACINA EM SANTA MARIA 242 VIDAS PERDIDAS PELA GANÂNCIA”.

No dia 27 de outubro, quando a tragédia completou cinco anos e nove meses, Ligiane publicou uma figura na qual o candidato a governador do Estado aparece acompanhado de Cezar Schirmer e sobre ela está escrito “FORA SARTORI FORA SCHIRMER”. Na mesma publicação, uma amiga de Ligiane comenta “teve gente que me criticou porque eu estava contra o pobre Sartori expliquei mostrei a verdade e mesmo assim ficaram de mau exclui das minhas redes sociais não preciso desse tipo de gente na minha volta”. Atitude semelhante teve Ligiane, em conversa na Tenda ela me disse ter “feito uma limpa” nos seus amigos da rede social, deletando aqueles que publicavam ideias e opiniões diferentes das dela. A capacidade de gerir os amigos que se quer ter no Facebook, contribui para a criação de uma bolha de filtros (PARISER, 2012) que favorecem o direcionamento e a modulação do comportamento dos usuários (LANIER, 2018). No caso das mães, esse mecanismo criou uma bolha de proteção contra *haters* nas redes sociais, defesa que elas não tem na Tenda da Vigília onde são frequentemente agredidas verbalmente por pessoas que entram no espaço para desqualificar a luta delas.

Por meio da observação das interações de outras pessoas com as mães analisadas neste artigo é possível notar a forma como as mães são percebidas por outros usuários do Facebook. Em uma das publicações feita na página de Ligiane, no dia em que estava de aniversário, 22 de outubro, o autor compartilha fotos em que Ligiane está participando de



uma manifestação no primeiro ano da tragédia e ele destaca o perfil de guerreira da mãe “Já temos uma história de lutas para contar.” (...).

Assim como nos protestos em nome das vítimas da tragédia, Ligiane passou a se envolver em outras manifestações que lutavam por justiça em crimes violentos como o “Caso do Menino Bernardo”³⁹ e o “Caso Isadora”⁴⁰. Motivação que também a levou a participar da campanha #EleNão nas ruas de Santa Maria. “Senti isso na pele desde que a Andri se foi ...tive que lutar e ainda luto pela injustiça não consigo ficar calada e esperar que aconteça a mudança. Temos que nos posicionar sempre no que acreditamos.” (LIGIANE, MESSENGER, 2018). O que começou com um propósito pessoal, tomou proporções maiores em um movimento de combate a qualquer tipo de injustiça, a exemplo de outras mães que perderam seus filhos por mortes violentas e sem reparação estadual, como citam Brites e Fonseca (2013).

As quatro mães em foco neste trabalho, fizeram publicações referentes à tragédia nos dias 26 e 27 de outubro. Para elas, essas datas, que marcam, não só a tragédia, mas também o tempo transcorrido sem que a justiça tenha sido feita precisam ser lembradas e utilizadas para reforçar os propósitos de luta das mães e dos demais familiares. Vanda afirma que “quando estou “brigando” por justiça sou outra pessoa. Não meço esforços, nem palavras. Nas redes sociais sou mais discreta possível. Imagina se eu fosse explicitar tudo que penso sobre determinado assunto ou pessoa. Já estaria presa. (VANDA, MESSENGER, 2018). Essa é uma forma de marcar o posicionamento dela enquanto mãe que sofre, que se posiciona a respeito do que acredita ser o correto.

Ainda que a luta maior das mães seja pela busca de justiça no caso da morte dos filhos, ao expressarem nas redes sociais seu sofrimento elas legitimam posicionamentos políticos e a luta contra um candidato que, caso ganhasse a eleição, para elas significaria infligir dores, semelhantes as delas, em segmentos da população.

³⁹ Bernardo Uglione Boldrini foi morto aos onze anos. Em 2019, o pai e madrasta foram condenados pelo crime.

⁴⁰ Isadora Viana Costa foi morta aos 22 anos, em 2018, de acordo com investigação policial, assassinada pelo namorado.



CONCLUSÃO

Esse artigo teve como objetivo analisar de que forma as práticas de consumo do Facebook de mães de vítimas do incêndio da Boate Kiss foram alteradas em função de um contexto político de polarização de ideias e opiniões. Percebe-se que as mães utilizam a lógica de visibilidade do Facebook, baseada na exposição de pessoas e conteúdos, como forma de resistência. As estratégias adotadas por elas nas redes sociais foram possíveis devido ao protagonismo assumido na luta por justiça a partir da legitimidade da sua presença no espaço público, em parte pela ideia social do sofrimento materno depois da morte do filho, em parte pela presença delas nas mídias.

Observa-se ainda que as mães tomaram uma situação pessoal em suas vidas como motivação para lutar de forma incisiva pelo que acreditam. Se antes elas defendiam seus posicionamentos com ações mais focais, nas escolas e igrejas, por exemplo, elas perceberam que suas vozes precisavam ter um alcance maior. Dessa forma nas práticas de consumo do Facebook pelas mães, se observa que elas fazem questão de se posicionar e expressar suas opiniões, ainda que em publicações com abordagens indiretas e criptografadas, mas plenamente compreensíveis pelo contexto. Quanto mais envolvidas e convictas de seus ideais, mais enfáticas foram em suas publicações e o envolvimento com as causas nas ruas, como a participação de Áurea e Ligiane na campanha #EleNão e de Cida no protesto contra Schirmer.

Em suas publicações, elas demonstram que a política não está distante dos cidadãos, mas sim que afeta o cotidiano de todos, o que é percebido quando tragédias acontecem e quem deveria defender os direitos das vítimas é omissos ou corrupto. A sensação de desamparo social sentido por elas, foi compartilhado por milhares de brasileiros em 2013 e nos anos que se seguiram até o ano eleitoral de 2018. Assim elas consomem o Facebook para que a tragédia da Boate Kiss não seja vista como mais uma entre tantas outras que acabam sem resolução, em um país em que a corrupção foi naturalizada a ponto de invisibilizar a falta de justiça na morte de 242 pessoas. Elas também lutam para mostrar que a mudança é feita por todos os cidadãos que escolhem os governantes, por isso o esforço em fazer publicações que mostrem a percepção delas sobre os candidatos para que eles fossem vistos da mesma forma por seus amigos no Facebook.



REFERÊNCIAS

- ARBEX, Daniela. **Todo dia a mesma noite**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- BADINTER, Elisabeth. **Amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: _____ (Org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p. 21-44.
- BRITES, Jurema; FONSECA, Cláudia. As metamorfoses de um movimento social: mães de vítimas da violência no Brasil. **Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa**. ICS. v. 48, n. 209 - out./ nov./ dez. 2013. p. 859- 877. Disponível em: < http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_209_d02.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2019.
- CASTRO, G. G. S. Comunicação e consumo nas dinâmicas culturais do mundo globalizado. **PragMATIZES: Revista Latino Americana de Estudos em Cultura**, Rio de Janeiro, a. 4, n. 6, p. 58-71, mar. 2014. Disponível em: < <http://www.pragmatizes.uff.br>>. Acesso em: 12 jul. 2019.
- FONTENELLE, Isleide; POZZEBON, Marlei. A dialectical reflection on the emergence of the 'citizen as consumer' as neoliberal citizenship: The 2013 Brazilian protests. **Journal of Consumer Culture**. 2018.
- FREITAS, Rita de Cássia. Famílias e violência: reflexões sobre as Mães de Acari. **Psicologia**. USP. v. 13, n. 2. jul. 2002, p. 69-103. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/53502>>. Acesso em: 12 jul. 2019.
- HINE, Christine. **Ethography for the internet: Embedded, Embodied and Everyday**. London: Bloomsbury, 2015.
- HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Barcelona: UOC, 2004.
- KALIL, Isabela. **Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro**. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.fesp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2019.
- LANIER, Jaron. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200003>. Acesso em: 13 jul. 2019.
- MILLER, Daniel. **The comfort of people**. Cambridge: Polity Press, 2017.
- MILLER, Daniel; COSTA, Elisabetta; HAYNES, Nell; MCDONALD, Tom; NICOLESCU, Razvan; SINANAN, Jolynna; SPYER, Juliano; VENKATRAMAN, Shriram. **How the World Changed Social Media**. London: UCL Press, 2016.



OLIVEIRA, Juliana. **Os testemunhos na cobertura ao vivo do incêndio da Boate Kiss**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PEIXOTO, Priscila. **“Acorda Santa Maria”**: um estudo sobre as estratégias coletivas de organização dos familiares das vítimas da Boate Kiss. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana, SCALCO, Lúcia. **Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo**. 2018. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/583354-da-esperanca-ao-odio-juventude-politica-e-pobreza-do-lulismo-ao-bolsonarismo>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **A ridicularização joga para a direita quem critica a corrupção**. 2015. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/20/politica/1440040487_346803.html>. Acesso em: 12 jul. 2019.

RIZZOTTO, Carla, SARAIVA, Aléxia, NASCIMENTO, Louize. **#ELENÃO: conversação política em rede e trama discursiva do movimento contra Bolsonaro no Twitter**. XXVIII Encontro Anual da Compós. Porto Alegre, 2019. Disponível em: < http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_DTSRR9FX2SJOGQI9BFV5_28_7207_24_01_2019_08_01_36.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2019.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Tudo sobre tod@as**: redes digitais, privacidade e venda de dados pessoais. Editora Sesc: São Paulo, 2018.

SPYER, Juliano. **Mídias sociais no Brasil emergente**. Londres: UCL Press, 2018.

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional. **Cadernos Pagu**. Unicamp. n.37. jul./dez. 2011. p.79-116. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332011000200004&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 13 jun. 2018.

Nota

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.